

(RE)LEITURAS URBANAS PEDALANTES

Sheila Hempkemeyer¹

Resumo: A maneira como me movimento, pela cidade, reflete na forma como a leio. Sentidos aguçados. A leitura de um corpo sobre outro corpo. Uma releitura urbana corpografada. Escritos e grafias múltiplas. Processos, suas inconclusões. (Re)Conhecer a grafia urbana nos corpos, suas contradições, conflitos, potencialidades, reexistências. Mapear rastros de criações sensíveis nas errâncias do corpo pedalante.

Era preciso ler o mapa naquele início de dia frio e cinza de inverno julino em Campinas. Um mapa desconhecido. Uma leitura incômoda, assustada, perdida. Ziguezagueando curiosamente e confusa pela avenida dialogava com imagens, percepções, calafrios, adrenalina. Completamente inconclusa, abrindo-se para o que viria. Tudo parecia grande demais. Barulhento demais. Poluído demais. Um complexo composto clandestino, e fértil. As cores saltam, demoradamente. O sol timidamente desponta em meio a névoa fina. Mistura atrativa para semear inventividades e desatinos revigorantes.

Um território familiar e ao mesmo tempo misterioso. Rememorei outras cidades naquela que acabara de desembarcar. Outras referências já lidas. Produções textuais, imagens da experimentação vibrante vivida. Lembranças de alguns lugares sem nenhum interesse. Algumas leituras e vozes dissonantes me incitavam a escrever percorrendo o caminho. Exteriorizar subjetividades escondidas.

éramos duas em um corpo. eu e minha bicicleta. lá onde o ar era comprimido um cais aliviava o som do motor. homens corriam, pescavam, pedalavam. um homem dormia. negro. dormia na grama. um homem negro, magro, invisível. dormia com um olho aberto e o outro fechado. com uma camisa branca encobria parcialmente a cabeça. deixava somente os olhos livres. um homem negro dormia livremente. tentava dormir. um homem branco passeava com seu cachorro. de ponto em ponto o cachorro mijava. marcava território. mijava também próximo ao homem negro invisível que dormia, ou tentava dormir. a brisa era constante, 21º graus. o único odor predominante na paisagem era o do mar.

Aqui se delineia um esboço de uma pesquisa em trânsito. Uma tentativa de partilhar processos de escritas e suas inconclusões, (re)conhecendo a grafia urbana nos corpos, suas contradições, conflitos, potencialidades, (re)existências. Vivências pedagógicas que pulsam entre vias e avenidas, becos, ruelas. Brincando com narrativas ficcionais. Uma escrita que autoriza (re)inventar sentidos, cidades, corpos. Uma experimentação potente, criativa, libertadora, distanciando-se de conceitos fechados, totalizantes. Ficcional não é inventar, mas produzir afetos. Descrer de absolutismos. Nesta premissa, entre delirar e desvelar cidades pedalando, outras intensidades ressoam. Leituras e escrituras mutantes, virais. Um traçado ensaístico, transformando a palavra em poesia, assumindo a potencialidade da escrita.

Há incontáveis cidades dentro de uma só. Tantos Eus em mim. Se reinventando. Se recompondo. Morrendo. Renascendo. Piscando. Começando pelo meio. O corpo se expande ou se retrai conforme escuta e sente os ecos e sussurros do mundo, do lugar que ocupa. Na pele que me cobre imprimo as marcas da minha efêmera passagem. Desejos, medos, angústias, curiosidades. Na pele que é fronteira, janela, cortina da minha existência.

¹ E-mail: she.hempke@gmail.com.

A experiência acelerada nas cidades e metrópoles, materializada nas ruas e avenidas, tem contido e afastado vínculos afetivos entre viventes, provocando um efeito narcótico viril, mantenedor da ordem, do controle. Conforme pontua Sennett (2016, p. 18) “ordem significa justamente falta de contato”, entre os corpos e com o lugar que circulam. Um tropeço, um toque, podem proporcionar encontros, arriscando sentir o pulsar dos corpos. A percepção dessa vibração pode produzir fissuras que contribuem para um processo de desordem e desequilíbrio afetivo, interferindo diretamente neste controle. Apalpar o caos, trapaceando a conjuntura atual. Burlando a vida mercantilizada, mantenedora de privilégios de uma classe burguesa dominante apartada.

Entre Campinas e Barão Geraldo um mapa afetivo foi sendo desenhado, em pequenos fragmentos aparentemente desconectados. Efêmeras passagens delirantes pelas paisagens. Travessias pedalantes auto-corpografadas. As partículas de pó e gases ditavam as tonalidades no horizonte vertical. Aos poucos as línguas tatuadas em muros e paredes mofadas por detrás do cinza se revelavam. A língua dos cinquenta tons de cinza. “E ela vai para onde ela quiser²”, à partir do movimento do corpo que pedala. Que lê pedalando a cartografia urbana colorida ou acinzentada. Vibra. Balbucia palavras. Se dispõe a escutar as vidas que pulsam ocultadas pelo abafamento dos motores. Estrangulam fronteiras. Subvertem vidas forasteiras.

A maneira como me movimento, pela cidade, reflete na forma como a leio. Esta leitura interfere diretamente na minha escrita no mundo. Leituras que afrontam o *status quo* e provocam rebeldia. Gritos. Das margens reprimidas. O grito das margens. Um grito dissonante de uma leitura marginal. Leituras dissonantes marginais. Orgânica, real, ficcional. Que desagrade o habitual. Que inunde o vasto campo conservador e estrangule a opressão cultural. Expõe o corpo: negro, feminino, indígena. Seus cheiros, sabores e cores³. Uma leitura (e escrita) que não é só branca, hetero, burguesa, elitista. Que inclui e faz ecoar os múltiplos silenciamentos históricos e escancarar os apagamentos culturais colonizados.

Aventurar-se a compor textos, construir narrativas alucinantes, cenas de um cotidiano a deriva, de estranhamentos e descobertas e epifanias. Versar sobre multipli(cidades), virtualidades, desvelando mundos inimagináveis. Falar de lugares menosprezados. Construir mapas afetivos e poéticos, redesenhar outras formas de compreender o caminho. Reconhecer no corpo a grafia urbana em constante movimento, de ideias, questionamentos, provocando a circulação de múltiplos saberes. (Re)Criar outras temporalidades. A criação de uma cidade sensível não passa obrigatoriamente pela narrativa escrita, mas sobretudo pela sensação, pelo corpo, pela estética, podendo ser capturada pela oralidade, diálogos imagéticos ou simplesmente materializadas pelos afetos.

Os territórios são produtores de subjetividades. Os modos de existir das pessoas respingam nos seres que a cercam bem como no ambiente no qual elas transitam. Vejo no corpo a possibilidade inventiva da cidade e o próprio corpo da cidade como uma heterotopia possível. “A cidade é uma paisagem psíquica construída por meio de buracos, partes inteiras são esquecidas ou intencionalmente suprimidas para se construírem infinitas cidades possíveis no vazio” (CARERI, 2013, p. 92). A bicicleta evoca invenções e descobertas de outras geografias e experiências temporais. Um instrumento estético que convida que reivindica um outro tempo de usufruir o urbano, de mover e de viver e conhecer a cidade.

² Fala de Ana Maria Godinho Gil na conferência “A língua vai para onde ela quer...”, no 21º Congresso de Leitura do Brasil – COLE, em 12/07/2018.

³ Referenciando Denizia Kariri Xocó na mesa redonda intitulada “A voz da mulher indígena na literatura e na aldeia”, no 21º Congresso de Leitura do Brasil – COLE, dia 12/07/2018.

Narrando o trajeto o (re)crio. Atrevo-me ser cronista de um mundo contemporâneo. Fazer da narrativa da experiência uma experiência narrativa⁴. Escrever é uma prática de digerir os afetos, que atravessa o corpo, passando por suas medidas, assim como a costura que dá vida ao tecido a partir do corpo que a veste. Traço um escrita em movimento, das cenas cotidianas que subvertem as cidades. Debruçando-se curiosamente para sons, cores, gestos, sabores do mundo. Devorando demoradamente aquele ambiente e sua cenas (des)conhecidas. Reinventando mapas. Marcando afetivamente os lugares e as passagens desvairadas.

A cidade projetada desaparece. Saltam urbanidades inventivas. Corpos afetados pela desaceleração reconfiguram geografias. Micropolíticas. Falam, agem, respiram, sentem por si só. Não se restringe a um único significado. São múltiplos, diversos, plurais. Urbanos, aventureiras. Conectadas. Falam na ausência de um pedal. Pedalam na ausência da fala. Pedalam em busca de respostas. Pedalam quando as encontram. Pedalam para celebrar, protestar, aliviar dores, elaborar perdas e amores. Pedalam. Com toda energia e euforia. Ativam outras escutas, leituras, escrituras cidadinas.

Quais espaços de acolhimento e encontros há na cidade?

As vozes, palavras das ruas, do corpo, incitam batalhas sonoras e imagéticas que atravessam existências. Autorias ditando o tom e a expressão dando potência. O gênero extrapolando barreiras. Rompendo fronteiras. Reivindicando geografias, escutas, presenças. Projetar a leitura presente das travessias dissonantes. Fazer-se silêncio em meio à polifonia. Desterritorializar a academia, e a própria ciência. Inaugurar pensamentos, livros, rimas, gestos. Viver uma pesquisa enquanto acontecimento.

Ler o movimento dissonante do corpo. Relaxar e fortalecer os músculos. Espreguiçar-se, dispondo a sentir e escutar as múltiplas variações do dizer cidadão. Saborear outros modos de se mo(ver) no mundo. Um corpo movente, se desLOUcando de modo ritmado, sem regras de trânsito pré-determinadas. Um corpo transgressor. Que vibra e sente a adrenalina em ser movente na imobilidade urbana. De poder se mo(ver), subvertendo a lógica maquínica do viver.

Questionada, a cidade ocupa um outro lugar e sentido para os corpos. O espaço público assume como um espaço que também lhe pertence, pelo entrelace dos corpos. A cidade é encarada como um corpo composto de várias partes que se nutrem e se sustentam, que produz medos e afastamentos. Mas também potencialidades, oportunizando-se como um campo profuso e plural de experiência.

Há uma imensa necessidade de reinventar as cidades. Incômodos compartilhados e coletivos, emergindo em busca de diferentes formas de experimentá-la. DESACELERAR. Flanar por esquinas e encruzilhadas, vagarosamente, renovando movimentos e recriando histórias. Ao pausar pode se iniciar um processo de reflexão sobre si, sobre o ambiente e práticas cotidianas. O corpo urbano pode se (re)configurar pela sensação e movimento do corpo que pedala. Uma outra cena corpórea que se projeta pelo movimento lento. Cidades inéditas, fragmentos urbanos de vidas que (re)existem e (re)inventam a própria cidade. “O exótico sempre está ao alcance da mão, basta perder-se e explorar a própria cidade” (CARERI, 2013, p. 91). Cidades inventivas viabilizam modos de aprender delirantes, dando abertura para criação de outros mundos, reconhecendo a importância dos inacabamentos.

Narrando experiências pelas cidades por onde pedalei pesquisando, por onde pesquisei pedalando, traço um outro olhar para o universo cidadão e educativo. Uma vertente ético-estético-política, sobrepondo o modo sensível de habitar ambientes. Interferindo no arranjo de outros circuitos afetivos de relacionar-se entre si e com o mundo. Contribuir para pensar outros

⁴ Referenciando Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi na conferência intitulada “Subjetividades clandestinas: experiência narrativa, lógicas secretas e epifanias” no 21º Congresso de Leitura do Brasil – COLE, dia 11/07/2018.

atravessamentos contemporâneos e, portanto, sem pretensão de (re)produzir e dizer “verdades”, mas de experimentar e provocar sensações, aproximando cotidianos.

As narrativas de cidades e suas geografias, interessantes ou não, são tecidas através da experiência urbana pedalante. O que vi, ouvi, senti, sabores que me atravessaram as narinas e a boca, sonoridades que vibraram em meu corpo. Sobre as sensações físicas experimentadas no espaço urbano e que contribuem para meu estar sendo neste instante. Narro batalhas. Descobertas. Curiosidades. Lutas. Neste enfrentamento estético cotidiano desconstruo demônios. Re-crio outros. Refaço modelos de me relacionar no e com o mundo. Repenso espacialidades relacionamentos, movimentos. A vida.

Jogos de aprendizagem perpassam intrinsecamente pela experiência sensível. Se quisermos modificar a forma de lidar com os territórios urbanos precisamos questionar sobre como nos afetamos em relação ao ambiente, no intuito de produzir outros circuitos de afetos (SAFATLE, 2016). Que silenciamentos a velocidade promove? Que apagamentos a pressa estimula?

As cidades e as urbanidades, a lentidão e a desaceleração, tornam-se potência estético-políticas em uma pesquisa em curso. São dispositivos pedagógicos que movem e deslocam outras escritas e leituras possíveis. Desassossegam e contagiam corpos, que pedalando, deambulam pelo ambiente citadino, tateando o caos e compondo outros mapas, escrituras, peças, cenas e telas. Re(Param) a cidade. Buscam estar presente em movimento. Mo(Ver) o urbano e as urbanidades para além da insana velocidade das vi(d)as. Produzir outras leituras/escritas educativas através deste desLOUcamento pedalante pela cidade.

Pedalar é um modo de acessar mais sensivelmente o ambiente. Este outro acesso às urbanidades permite percebermos os contornos do corpo da cidade que tanto se assemelham com nossos corpos. Neste contato atuo na cocriação urbana. Criações possíveis com os espaços comuns, com as inutilidades e invisibilidades cotidianas/urbanas, “elaborar presenças ausentes” (CARERI, 2013, p. 112). A orquestra que (re)existe na urbe e seus micro habitantes imperceptíveis.

Qualquer quilometragem com a bicicleta se torna irrelevante frente às proximidades afetivas e simbólicas que ela propicia. Esticar o tempo, forçar a pensar outras territorialidades. Entregar-se aos encontros, “a arte da errância segue a arte do encontro” (CARERI, 2013, p. 174). Um tempero ativo afetivo no modo de degustar o mundo. Não só chegar mais rápido, nem ir pelo caminho mais curto, mas experimentar a sensação de (re)descobrir(-se) o habitat urbano. Brincar enquanto transito, desLOUcar-se. Pedalar é uma arte que desnuda urbanidades. Que te convida a despir-se diante do ambiente.

A bicicleta carrega consigo um boicote ao tempo acelerado, recusando a priorização da velocidade e da imobilidade paquidérmica. Tem permitido combater a determinadas práticas opressoras cotidianas. Enfrentar condutas e padrões excludentes. Injustiças e desigualdades. Desconstruir narrativas, discursos e práticas fascistas, misóginas, classistas, racistas, machistas, preconceituosas que circulam tão simbolicamente no imaginário social quanto efetivamente na cidade. Produz fissuras diante das opressões sistemáticas e institucionalizadas. Repensa a distribuição dos espaços e o direito de acessá-los de outro modo, de ocupar um espaço, público. Um corpo lento ocupando um lugar na cidade. Um corpo lento que se movimenta ativa e esteticamente, reconstruindo um outro lugar para si e da própria cidade consigo. Um corpo lento, político.

Começar por um caminho em curso. Mapear sensações, não só os espaços. Rabiscar crônicas de dias (in)comuns, engajar-se pela experiência sensível. Trajetos, lugares, cidades que me subjetivam. Investigar processos de produção de subjetividade. Alerta: bicicleta é disparadora de afetos e conflitos. A digestão fica por conta de quem ler. Como cada qual irá deglutir os microrrelatos vai depender da sua (in)tolerância. O não entendimento é uma possibilidade. Cientificidade?!? O excesso de explicações assusta. Prefiro suspiros, frios na barriga, arrepios,

olhos virados, reticências... Há ainda tantas outras leituras e escritas a desaguar, reverberar na intensidade das vozes que dissonantes ressoam para além das paredes de qualquer lugar.

Referências

CARERI, Francesco. *Walkscapes: caminhar como prática estética*. 1. ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

SAFATLE, Vladimir. *Circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. 4. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.